

DEBATE SOCIOLOGICO

Orgão de Divulgação do GLP/ESP

"Nascido e criado no seio da classe trabalhadora, pertencendo a ela ainda pelo coração, pelas afeições e acima de tudo pelo sofrimento e aspirações em comum, minha maior alegria seria sem dúvida poder trabalhar doravante sem cessar, através da ciência e da filosofia, com toda a energia de minha vontade e a força de meu espírito, para o aperfeiçoamento Moral e Intelectual daqueles a quem tenho o prazer de chamar de irmãos e companheiros". (P.J. PROUDHON, in "Solicitação a Bolsa Suard, da Academia de Besançon/França, 1837).

BOLETIM No. 01 - São Paulo 2o. TRIMESTRE DE 1.995.

APRESENTAÇÃO: O GLP/ESP.

O Grupo Livre Pensamento da Escola de Sociologia e Política de São Paulo (GLP/ESP), formado em maio/95 por estudantes do 1o. ano de Sociologia da ESP/SP, tem por finalidade:

- 1- Combater o instrumentalismo do Conhecimento Universitário, fomentado pelo pretense "manto da Neutralidade Acadêmica"; porque, sendo a Universidade uma instituição de classe, onde as contradições de classe aparecem, "ao desenvolver uma ideologia do saber neutro, científico, a neutralidade cultural e o mito de um saber objetivo, acima das contradições sociais", concorre necessariamente para o instrumentalismo da produção do conhecimento, transformando-o em "Razão de Estado", à serviço do poder, da manutenção da ordem e, por conseguinte, contribui para o genocídio de uma esmagadora maioria;
- 2- Considerando que as Ciências Sociais (este conjunto de conceitos, técnicas e métodos de investigação, que visam estudar e explicar a organização Social Humana) é, indubitavelmente, fruto das lutas históricas do gênero humano em vias de mudanças sociais equitativas e justas, o GLP/ESP empenhará esforços em caracterizar este conhecimento sempre num âmbito Revolucionário, Pluralista e no vasto horizonte da Liberdade; que contribua para a mudança e a superação da tragédia Humana: a Vida em Sociedade.

MEIOS DE AÇÃO:

De acordo com estas finalidades, o GLP/ESP desenvolverá seu trabalho usando principalmente dos seguintes meios:

- 1- Manter Orgão de Divulgação Periódico, contento textos que tratem principalmente da questão Social, visando estimular discussões e o estudo destes Temas;
- 2- Promover, auxiliar ou organizar palestras, seminários e cursos, relacionados com o Tema, na ESP/SP ou em outros locais que se façam necessários;
- 3- Auxiliar ou organizar em conjunto, atividades de que tratam a alinea anterior, com outras entidades afins com suas finalidades;
- 4- Promover outras iniciativas que se tornem necessárias para o desenvolvimento de seu trabalho e que estejam de acordo com suas finalidades.

ORIENTAÇÃO:

- 1- O GLP/ESP não participa direta ou indiretamente de qualquer ato de feição religiosa ou político-partidária;
- 2- O GLP/ESP reconhece o CA/ESP enquanto instância de "Representação

Direta" dos alunos desta instituição e, nesta qualidade, se propõe a trabalhar e auxiliar este em seu trabalho de aperfeiçoamento no que concerne aos interesses dos alunos e desde que não fujam e nem contrariem as premissas aqui expressas.

PARAGRAFO ÚNICO:

Estas Bases de Acordo poderão ser ampliadas e revisadas (mantendo-se porém sua essência) conforme as necessidades e vontades do coletivo.

A DELIQUÊNCIA ACADÊMICA(*)

O tema é amplo: a relação entre a dominação e o saber, a relação entre o intelectual e a universidade como instituição dominante ligada a dominação, a universidade antipovo. (...) No século passado, período do capitalismo liberal, ela procurava formar um tipo de "homem" que se caracterizava por um comportamento autônomo, exigido por suas funções sociais: era a universidade liberal humanista e mandarinesca. Hoje, ela forma a mão-de-obra destinada a manter nas fábricas o despotismo do capital; nos institutos de pesquisa, cria aqueles que deformam dados econômicos em detrimento dos assalariados; nas suas escolas de direito, forma os aplicadores da legislação de exceção; nas escolas de medicina, aqueles que irão convertê-la numa medicina do capital ou utilizá-la repressivamente contra os deserdados do sistema. Em suma, trata-se de um "complô de belas almas" recheadas de títulos acadêmicos, de doutorismo substituindo o bacharelismo, de uma nova pedantocracia, da produção de um saber a serviço do poder, seja ele de que espécie for. (...)

A universidade dominante reproduz-se mesmo através dos chamados "cursos críticos", em que o juízo professoral aparece hegemônico ante os dominados: os estudantes. Isso se realiza através de um processo que chamarei de "contaminação". O curso catedrático e dogmático transforma-se num curso magisterial e crítico; a crítica ideológica é feita nos chamados "cursos críticos", que desempenham a função de um tranquilizante no meio universitário. Essa apropriação da crítica pelo mandarinato universitário, mantido o sistema de exames, a conformidade ao programa e o controle da docilidade do estudante como alvos básicos, constitui-se numa farsa, numa fábrica de boa consciência e delinquência acadêmica, daqueles que trocam o poder da razão pela razão do poder. Por isso é necessário realizar a crítica da crítica-crítica, destruir a apropriação da crítica pelo

mandarinato acadêmico. Waston demonstrou como, nas ciências humanas, as pesquisas em química molecular estão impregnadas de ideologia. Não se trata de discutir a apropriação burguesa do saber ou não-burguesa do saber, mas sim a destruição do "saber institucionalizado", do "saber burocratizado" como o único "legítimo". A apropriação universitária (atual) do conhecimento é a concepção capitalista do saber, onde ele se constitui em capital e toma forma nos hábitos universitários.

A universidade reproduz o modo de produção capitalista dominante não apenas pela ideologia que transmite, mas pelos servos que ela forma. Esse modo de produção determina o tipo de formação através das transformações introduzidas na escola, que coloca em relação mestres e estudantes. O mestre possui um saber inacabado e o aluno uma ignorância transitória, não há saber absoluto nem ignorância absoluta. A relação de saber não institui a diferença entre aluno e professor, a separação entre aluno e professor opera-se através de uma relação de poder simbolizada pelo sistemas de exames - "esse batismo burocrático do saber". O exame é a parte visível da seleção; a invisível é a entrevista, que cumpre as mesmas funções de "exclusão" que possui a empresa em relação ao futuro empregado. Informalmente, docilmente, ela "exclui" o candidato. Para o professor, há o currículo visível, publicações, conferências, traduções e atividade didática, e há o currículo invisível - esse de onde o destino está aberto e tudo é possível acontecer. É através da nomeação, da cooptação dos mais conformistas (nem sempre os mais produtivos) que a burocracia universitária reproduz o canil de professores. Os valores de submissão e conformismo, a cada instante exibidos pelos comportamentos dos professores, já constituem um sistema ideológico. Mas, em que consiste a Delinquência Acadêmica?

A Delinquência Acadêmica aparece em nossa época longe de seguir os ditames de Kant: "Ouse conhecer." Se os estudantes procuram conhecer os espíritos audazes de nossa época, é fora da universidade que irão encontrá-los. A bem da verdade, raramente a audácia caracterizou a profissão acadêmica. É a razão pela qual os filósofos da revolução francesa se autodenominavam de "intelectuais" e não de "acadêmicos". (...)

A universidade brasileira, nos últimos 15 anos, preparou técnicos que funcionaram como juizes e promotores, aplicando a Lei de Segurança Nacional,

médicos que assinavam atestados de óbito mentirosos, zelosos professores de Educação Moral e Cívica garantindo a hegemonia da ideologia da "segurança nacional" codificada no Pentágono.

O problema significativo a ser colocado é o nível de responsabilidade social dos professores e pesquisadores universitários. A não preocupação com as finalidades sociais do conhecimento produzido se constitui em fator de "delinquência acadêmica" ou da "traição do intelectual". Em nome do "serviço à comunidade", a intelectualidade universitária se tornou cúmplice do genocídio, espionagem, engano e todo tipo de corrupção dominante, quando domina a "razão de Estado" em detrimento do povo. Isso vale para aqueles que aperfeiçoam secretamente armas nucleares (M.I.T.), armas químico-biológicas (Universidade da Califórnia, Berkeley), pensadores inseridos na Rand Corporation, como aqueles que, na qualidade de intelectuais com diploma acreditativo, funcionam na censura, na aplicação da computação com fins repressivos em nosso país. Uma universidade que produz pesquisas ou cursos a quem é apto a pagá-los perde o senso da discriminação ética e da finalidade social de sua produção - é uma multiversidade que se vende no mercado ao primeiro comprador, sem averiguar o fim da encomenda, isso coberto pela ideologia da neutralidade do conhecimento e seu produto. (...) Em nome da "segurança nacional", o intelectual acadêmico despe-se de qualquer responsabilidade social quanto ao seu papel profissional, a política das "panelas" acadêmicas de corredor universitário e a publicação à qualquer preço de um texto qualquer se constituem no metro para medir o sucesso universitário. Nesse universo não cabe uma simples pergunta: o conhecimento a quem e para quem serve?

Estritamente, o mundo da realidade concreta é sempre muito generoso com o acadêmico, pois o título acadêmico torna-se o passaporte que permite o ingresso nos escalões superiores da sociedade: a grande empresa, o grupo militar e a burocracia estatal. O problema da responsabilidade social é escamoteado, a ideologia do acadêmico é não ter nenhuma ideologia, faz fé de apolítico, isto é, serve à política do poder. (...) O pensamento está fundamentalmente ligado à ação. Bergson sublinhava no início do século a necessidade de o homem agir como homem de pensamento e pensar

como homem de ação. A separação entre "fazer" e "pensar" se constitui numa das doenças que caracterizam a delinquência Acadêmica - a análise e discussão dos problemas relevantes do país constitui um ato político, constitui uma forma de ação, inerente à responsabilidade social do intelectual. A valorização do que seja um homem culto está vinculada ao seu valor na defesa de valores essenciais de cidadania, ao seu exemplo revelado não pelo seu discurso, mas por sua existência, por sua ação.

Ao analisar a "crise de consciência" dos intelectuais norte-americanos que deram o aval à "escalada" no Vietnã, Horowitz notara que a disposição que eles revelaram no planejamento do genocídio estava vinculada à sua formação, à sua capacidade de discutir "meios" sem nunca questionar os "fins", a transformar os problemas "políticos" em problemas técnicos, a desprezar a consulta "pública", preferindo as soluções de gabinete, consumando o que defeniríamos como a traição dos intelectuais. É aqui onde a indignidade do intelectual substitui a dignidade da inteligência.

Nenhum preceito ético pode substituir a prática social, a prática pedagógica.

A delinquência acadêmica se caracteriza pela existência de estruturas de ensino onde os meios (técnicas) se tornam fins, os "fins" formativos são esquecidos; a criação do conhecimento e sua reprodução cede lugar ao "controle" burocrático de sua produção como suprema virtude, onde administrar aparece como sinônimo de vigiar e punir - o professor é controlado mediante os critérios visíveis e invisíveis de nomeação; o aluno, mediante os critérios visíveis e invisíveis de exame. Isso resulta em escolas que se constituem em depósitos de alunos, como diria Lima Barreto em "Cemitérios de Vivos".

A alternativa é a criação de canais de participação real de professores, estudantes e funcionários no meio universitário, que oponham-se à esclorose burocrática da instituição.

A autogestão pedagógica teria o mérito de devolver à universidade um sentido de existência, qual

seja: a definição de um aprendizado fundado numa "motivação" participativa e não no decorar determinados clichês, repetidos semestralmente nas provas que nada provam, nos exames que nada examinam, mesmo porque o aluno sai da universidade com a sensação de estar mais velho, com um dado a mais: o diploma acreditativo que em si perde

valor na medida em que perde sua raridade.

MAURICIO TRAGTENBERG, é Professor Titular pela UNICAMP e Professor de Ciências Políticas da PUC/SP.

(*) Texto apresentado no I Seminário de Educação Brasileira. Fonte: "SOBRE EDUCAÇÃO, POLÍTICA E SINDICALISMO", Vol. I, Pg. 11 à 16; TRAGTENBERG, MAURICIO, Cortez Editora, 2o. Edição 1990.

ACONTECE:

"CICLO MÊS DO TRABALHADOR: O MOVIMENTO OPERÁRIO E A LUTA LIBERTÁRIA".

13/05-"O Movimento Anarco-Sindicalista e a Greve de 1917", por José Carlos Orsi Morel, Metalurgico, formado em Filosofia e Física Nuclear pela USP/SP;

20/05-"As Novas Tecnologias no Mundo do Trabalho", por Edson Passeti, Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP, autor, entre outros, dos livros "O que é Menor", "Das Fumeriés ao Narcotráfico" e organizador do livro "PROUDHON" da Coleção Grandes Cientistas Sociais pela Ed. Ática;

27/05-"Organização Sindical num Mundo em Crise", por Mauricio Tragtenberg, Titular em Ciências Sociais pela UNICAMP, professor de Sociologia da PUC/SP, autor, entre outros, dos livros "Burocracia e Ideologia" Ed. Ática, "Reflexões sobre o Socialismo" Ed. Polêmica, organizou a Biblioteca Anarquista da Ed. LPM e dirige a Coleção Pensamento e Ação da Ed. Cortez.

HORÁRIO: Sempre às 15:00hs.

LOCAL: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

ENDEREÇO: Rua General Jardim, 522 - V. Burque - SP/SP

ORGANIZAÇÃO: C.C.S. - CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Caixa Postal 2066-Cep. 01060-970-SP/SP

ENTRADA FRANCA!

DIVULGUE E PARTICIPE!

EXPEDIENTE:

G.L.P./E.S.P.:

DOUGLAS BONI

LUIS ALVES FRANCO

NILDO BATATA

CONTATO: ESP/ESP - Rua General

Jardim, 522 V. Buarque - São Paulo/SP.

Caixa Postal 3204

Cep. 01060-970 - SP/SP.

ARTE: LIBER'ART ESTÚDIO

Fone: (011) 577. 2231

